

FERNANDO PESSOA E A INFÂNCIA QUE DÓI

Por Aline Carla Dalmutt¹ &
Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo²

Há poesias que surpreendem, outras encantam, há aquelas que tocam o coração e as que estremecem o pensamento, mas também existem poesias que nos inquietam, deixando-nos indisciplinados, incomodados, em lugar de apenas leitores distraídos e satisfeitos. Contudo, a poesia nos torna mais humanos, com ela aperfeiçoamos nossa criticidade, pois ela nos oferece um outro olhar sobre o mesmo objeto, enfim a poesia tem um grande poder, pois “a função da poesia é surpreender e encantar, e isso pode até distrair, mas é também inquietar, ou indisciplinar, a fim de nos tornar mais humanos, em lugar de apenas leitores distraídos, encantados e satisfeitos”(MOISÉS, 1998, p. 97).

Toda essa diversidade de sensações que experimentamos com a poesia explica-se devido ao fato dos escritores possuírem virtudes distintas. A virtude da poesia de Fernando Pessoa está no imprevisto, no escândalo do anormal, no choque do paradoxo e, sobretudo, no jogo artístico do *fingimento*. Cada um de seus heterônimos possui uma determinada posição ideológica e artística, além de um modo diferente de escrita. Contudo, as suas personagens são oriundas do desdobramento do “eu”, na sua própria despersonalização. Conforme Eduardo Lourenço profere:

Com Caeiro fingimos que somos eternos, com Campos regressamos dos impossíveis sonhos imperiais para a aventura labiríntica do quotidiano moderno, com Reis encolhemos os ombros diante do Destino, compreendemos que o Fado não é uma canção triste mas a Tristeza feita verbo e com *Mensagem* sonhamos uma pátria de sonho para redimir a verdadeira (LOURENÇO, *apud* LUCAS, 1991, p. 74).

O engenheiro Álvaro de Campos, sendo mais uma das muitas ficções que Fernando Pessoa criou, é de fato o poeta da modernidade, aquele repleto das muitas inquietações e perplexidades do homem contemporâneo. A sua poesia possui dois ritmos fundamentais: um exaltado, elétrico, permeado pela emoção e outro magoado, quase silencioso, expressando o tédio por um mundo que não o aceita, mostrando-se saudoso do seu passado (infância). Ao lermos e analisarmos a

¹ Discente do curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Centro-Oeste (UNICENTRO), Departamento de Letras- DELET, alinexon@hotmail.com

² Doutora em Letras, Professora Adjunta da Universidade Estadual de Centro-Oeste (UNICENTRO), nthimoteo@gmail.com.

sua poesia podemos nos colocar em sintonia com a complexa realidade do mundo hoje e assim, talvez, torná-lo mais habitável e humano.

A “invenção mais íntima” – Álvaro de Campos

Foi no heterônimo Álvaro de Campos que Pessoa depositou todo o seu “sentir”, eis o seu propósito: “Sentir tudo de todas as maneiras”, chorando o pranto causado por todas as dores. Como diz Eduardo Lourenço, “Campos é o Pessoa mais nu, deixando correr à solta a torrente de angústia que o sufoca. Em parte alguma o poeta ocultou-se menos que em Campos”. (LOURENÇO, *apud* GOMES, 2005, p. 297). Como o poeta Fernando António Nogueira Pessoa possui um grande sentimento ressentido, a “saudade da infância” marca a poesia de Campos. A infância, para Pessoa, “é a possibilidade do bem, da unidade, da inconsciência, da verdade. (...) A violência desse sentimento é tanta que pode ultrapassar o disfarce estético, o “fingimento” e deixar a vida a descoberto, regada de lágrimas verdadeiras” (GOMES, 2005, p.290). Dessa forma, a infância de Campos é verdadeira, ou seja, é a do próprio Pessoa.

Entretanto, devido ao poeta ter previsto um princípio e um fim a Campos, Teresa Rita Lopes prescreve três fases para esse heterônimo: a do “Engenheiro Sensacionista” (1914-23), a do “Engenheiro Metafísico” (1923-30) e a do “Engenheiro Aposentado”, última fase, em que, segundo a autora, está mais desencantado, guardando a nostalgia. Assim ela o define: “O Campos da última fase vai ser esse coração insone em que tudo dói: o que foi, o que não foi, o que é, o que não é, e também a vasta dor do mundo” (LOPES, 1997, p.54).

De fato, nas últimas obras Campos cai em profunda depressão, porém em todo o seu trabalho as lágrimas o acompanham, chorando o pranto causado por todas as dores. Talvez a sua poesia não tenha fases em que se possa dividir com tempo assinalado, mas um jeito diferente de expor o que o poeta estava sentindo. No princípio, a imagem da máquina representa a demoníaca loucura do homem tomado de excessos, feito de aço, o homem moderno. Na *Ode Triunfal*, Campos manifesta-se: “Ah, poder exprimir-se todo como um motor se exprime!/Ser completo como uma máquina!/ Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!”.

Podemos observar que o poeta despersonaliza-se e sufoca os sentimentos (marca de uma individualidade), metamorfoseia-se numa máquina porque o cenário fabril tem como objetivo produzir manufaturados impessoalmente, de um modo rápido e preciso. Esse espaço do *rrrrrrrrrr* das máquinas pode ser traduzido pela sensação de raiva, ao nível fônico o *rrrrrr* do ranger dos dentes. Por conseqüência, é possível afirmar que a poesia de Campos representa uma constante náusea da vida, pois em toda sua obra expressa o tédio por um mundo que não o aceita.

Contudo, principalmente no final da sua caminhada a “dor de viver” será substituída pela infância que se afigura para o poeta como *ideal perdido*. Assim, na opinião de Natália Gomes:

Não é só a infância rememorada que provoca nele o pranto, nem a solidão do presente. É todo o estado de coisas atual, a angústia que o acompanha desde sempre, mas que agora, no final da vida, no abandono de qualquer esperança de alegria, essa angústia provoca um choro que vai se transformando em grito, não o mesmo grito histérico que acompanhavam as odes sensacionistas, nem o choro sentido e doloroso do “engenheiro metafísico” de 1923 a 1930, dos poemas terrivelmente pessimistas e melancólicos como *Tabacaria* e *LisbonRevisited*. No fim da linha dessa vida “cárcere”, podemos ouvir agora alguns gritos roucos, uma vez que toda a força e energia ficaram para trás.(GOMES, 2005, p. 303- 4).

Campos: o fingimento verdadeiro

Em todas as épocas e em toda a expressão literária de Pessoa presenciamos essa saudade da infância, seja ela de nível histórico, simbólico ou metafísico. Nos poemas chamados “autobiográficos”, em que afloram elementos claros de referência pessoal, como em “Aniversário”, “Dobrada à moda do Porto”, “LisbonRevisited”, entre outros, revela-se uma saudade real que ultrapassa todo o fingimento estético, com confissões autobiográficas.

“Aniversário” é um poema de recordação dolorosa da infância, produzido no dia que o próprio Pessoa fazia aniversário, completando 41 anos. O poema foi a forma de expressão mais adequada que Pessoa encontrou para traduzir toda a tragicidade da sua vida de adulto. Naquele tempo, festejar os anos era para ele uma festa completa, diz ele: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,/ Eu era feliz e ninguém estava morto.”

Pessoa diz ser feliz, visto que para o autor o fato de ser infância sempre é sinônimo de pureza e felicidade, período da vida em que é possível existir o Bem. É a fase em que ainda existem mistérios, medos, fantasias e beleza, fase esta que o ser humano acredita em um mundo cheio de sonhos e “colorido” onde tudo pode acontecer. Na verdade, só naquele período era possível ser feliz, porque ainda existia a magia da vida. Depois de assegurar que era feliz Pessoa acrescenta, “e ninguém estava morto”, pois literalmente a sua família era perfeita,“(...) As tias velhas, os primos diferentes, e tudo por minha causa, (...)”

Todos estavam vivos e reunidos e ainda por causa dele. A saudade que ele sente jamais será recuperada, porque a infância é caracterizada pela despreocupada inocência, pelo alheamento absoluto acerca do que se passava à sua volta. Afinal, ao alcançara idade adulta , o homem certamente sofrerá influências que lhe tirarão a inocência. lintegradona sociedade, compartilhando propósitos, gostos, preocupações e

costumes, e que interagem entre si, o ser humano é inevitavelmente moldado, causa de desgosto e repulsa para o poeta. Este caráter de aniquilamento oriundo da sociedade convencional também pode ser visto no “Poema em linha reta”, de Campos, e totalmente baseado na ironia diz: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada. / Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo (...)”. O poeta está indignado com a “pseudoperfeição” alheia, pois como ele ironiza: “Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo”. Na verdade ele se declara o único diferente, já que para ele a vida não é assim; ao contrário, ela é torta porque é feita de vitórias e derrotas, de parasitismo e produtividade, de sujeira e higiene, de impaciência e paciência, enfim, de defeitos e qualidades, de características positivas e negativas que formam pólos opostos. Para ele, a vida é esse antagonismo e, se fôssemos traçá-lo no plano gráfico, não seria em *linha reta*. Mas o poeta não encontra ninguém que, como ele, admita a existência dessa forma, por isso ele é parasita, indesculpavelmente sujo, ridículo, absurdo, ordinário, desprezível, vil.

Desta maneira, o que o poeta faz é uma denúncia à sociedade hipócrita, pois a sujeira é jogada sob o tapete e as pessoas seguem na falsidade de uma sociedade com seus dogmas. Não há sofrendores, somente vitoriosos. “Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?”. A sociedade emudece sobre os seus erros e declara as suas virtudes, assim no poema “em linha reta” o eu-lírico faz o leitor perceber que as afirmações negativas sobre sua personalidade são ditas pela sociedade, e não pelo poeta.

Por isso, o tempo da infância é simultaneamente um tempo perdido para Pessoa, porque as crianças não sabem que são felizes. Nas palavras do poeta:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa
nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por
mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter
esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da
vida.

Por consequência, só mais tarde quando recorda daquele tempo, percebe a alegria e a importância de todo aquele universo, pois tudo aquilo se perdeu. O “hoje” nada mais é que um imenso e doloroso vazio. Nos versos:

O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da
casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que sou hoje (e a casa dos que me amam treme
através das minhas lágrimas),
O que sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,

É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo
frio...

Até mesmo o bolor no corredor do fim da casa ele já não pode ser, porque venderam a casa, tiraram-lhe o seu “porto seguro”. Na verdade, o poeta tenta substituir o presente sombrio pelo passado venturoso, rejeitando o presente: “Hoje já não faço anos./Duro./Somam-se-me dias.”

Atualmente ele é apenas o sobrevivente triste de si mesmo, um solitário ser humano, envelhecido, amargurado, vivendo das memórias do que já não é, do que já não tem. Enfim, Pessoa gostaria de reviver ao menos um instante a sua infância e isso se traduz ao dizer: “Comer o passado com pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!”. Ou seja, para ele, bastaria só o passado para ter felicidade, nada mais seria necessário, nenhum acréscimo, nem “manteiga”, já que o presente é como um tempo degradado, de ausência, de perda, aflitivo vazio, agonia e solidão, um tempo que já perdeu o sentido e desconhece a alegria. E para rematar a importância da imortal infância, ele proclama: “(...) Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”.

Portanto, a infância é o grande tesouro verdadeiro e fingido de Pessoa. Em “Dobrada à Moda do Porto”, que se tornou um dos seus poemas mais conhecidos pela enorme tristeza devido à não concretização do amor, Pessoa também se lembra da infância como a Idade de Ouro. No poema, a simbologia da refeição (dobrada) é levada ao extremo, sendo que representa, enquanto quente, a essência do amor realizado, e enquanto fria a ausência de qualquer tipo de amor, a falta de vida (calor), e, por oposição, a solidão (frio): “Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,/Serviram-me o amor como dobrada fria.”

É importante perceber que o restaurante está “fora do espaço e do tempo”, ou seja, não é concreto, trata-se de algo da sua imaginação. É o restaurante, lugar onde é servido o alimento que nos restaura nos recompõe, nos dá a vida, que o poeta utiliza como “restaurador do amor”. Contudo, o problema é que nesse restaurante lhe se serviram o amor de modo errado, pois sendo a Dobrada um prato que para ser bom e agradável, tradicionalmente é servido quente, nesse caso, foi servido frio, ou, metáfora do amor que, para Pessoa e estendendo-se para Campos, o modo de servir o amor foi inaceitável. Após reclamar porque não teve o “amor quente”, a tal “dobrada quente” (na maneira certa), o poeta começa a falar da infância de repente: “(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,/ Particular ou público, ou do vizinho. /Sei muito bem que brincarmos era o dono dele (...).” Reportando a um tempo único em que teve o amor quente, assim, lembra-se da infância.

Reafirmando que a infância é um período feliz, em que se podia brincar livremente, onde os jardins nem dono possuíam porque o importante era se divertir neles, Pessoa confronta este período de extrema felicidade (a infância) com a tristeza

da idade adulta. Dessa maneira, queixa-se hoje com tamanha melancolia por não possuir amor: “(...) E que a tristeza é de hoje)”. Logo, a tristeza que não é algo próprio da infância, mas sim da idade adulta explica-se devido à capacidade de amar, ou seja, o amor que lhe chegou frio à mesa.

No poema “LisbonRevisited” (1923), escrito na primeira vez em que Pessoa retorna de Durban a Portugal há todo um estranhamento do “ninho”. Pessoa é o poeta de Lisboa. Em toda a obra de Campos encontramos poemas exaltando a cidade, ele é Lisboa e Lisboa é Pessoa, contudo, nomeia estranhamente o poema “LisbonRevisited”. Lisboa Revisitada agora em outra língua, língua essa que não a sua língua mãe – Língua Portuguesa, mas a língua Inglesa, que não pertence a sua Lisboa, ou seja, a casa do poeta não é mais Lisboa, pois ele não a reconhece.

Após esse nomear estrangeiro, o poeta exclama: “Não: não quero nada./ Já disse que não quero nada”, numa total renúncia de ser acolhido ou de aceitar a modernidade e a ciência: “Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas/ Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -/ Das ciências, das artes, da civilização moderna!”. “Se têm verdade, guardem-na!”. Pessimista, o poeta não quer saber dos outros, não quer que ninguém o incomode, numa tentativa inútil e desesperada de autoexílio: “Assim, como sou, tenham paciência!/ Vão para o diabo sem mim,/ ou deixem-me ir sozinho para o diabo!/ Para que havemos de ir juntos?”.

Depois dessa enorme rejeição às ciências e à civilização moderna, reclamando o direito à solidão e à indiferença, encontramos um momento em que Pessoa recorda a infância como um período de ventura. Ele revê a Lisboa da sua infância sem a reencontrar. A cidade está perdida para sempre e nada é capaz de recuperá-la. Na verdade, é como se nenhuma memória pudesse devolver o passado. Porém o “céu azul” ou o rio “Tejo” da sua infância são os mesmos:

Ó céu azul - o mesmo da minha infância- ,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!

O poeta não é o mesmo, a cidade não é a mesma, mas ele vê que o céu e o rio estão iguais. Assim, vemos que a infância - sempre - é o seu porto seguro, é a ela que ele recorre como “eterna verdade”, pois ela representa o tempo de felicidade que antecede a dor de pensar, provocada pela consciência. O poeta, estrangeiro na sua terra, não espera mais nada: “Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta”, ele não a identifica e não se identifica. Quer simplesmente estar sozinho até morrer, pois sabe que não há como ter sua cidade de volta “Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo, que eu nunca tardo.../E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!”.

O espaço daquela “infância perdida”

Nos poemas “Aniversário”, “Dobrada à moda do Porto” e “LisbonRevisited” (1923) em que a infância é evocada e invocada como período de ouro, é importante a descrição de todo um espaço, trazendo uma série de imagens significativas. Para Bachelard, “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O consciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializadas” (BACHELARD, 1993, p.29).

Em Pessoa, as imagens da infância estão implícitas nos seus poemas de tal forma que são parte integrante de toda a sua poética. O seu tempo-espaço é o canal direto para Pessoa criar relações entre o que vê, imagina, sente e pensa. Sua poesia, neste caso, torna-se espacial, repleta de imagens e objetos que pertencem à sua realidade anterior. “É preciso amar o espaço para descrevê-lo tão minuciosamente como se nele houvesse moléculas de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula de desenho.”(BACHELARD, 1993, p.167).

No poema “Aniversário” tem-se a descrição da “casa antiga”, centro de fixação das lembranças que permanecem na memória. A presença dessa querida “casa antiga” da infância é freqüente na vida dos poetas, e, de acordo com EcléaBosi :

A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve para nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos revê-la com os olhos de adulto (BOSI, *apud* GONÇALVES, 2003, p.111).

Toda essa simbologia expressa nas autobiografias e poemasse deve justamente porque a imagem da casa, principalmente a velha casa, é um ícone na nossa vida. Segundo Bachelard, “as casas vivem em nós para sempre!” (1993, p. 70), pois elas são maior força de integração para os pensamentos, lembranças e sonhos, elas guardam os tesouros dos dias antigos, na realidade, a casa é a figura que mantém a infância imóvel.

A casa-ninho é o lugar natural da função de habitar. Volta-se a ela, sonha-se voltar como o pássaro volta ao ninho, como a ovelha volta ao aprisco. Esse signo da volta marca infinitos devaneios, pois os regressos humanos acontecem de acordo com o grande ritmo que atravessa os anos, que luta pelo sonho contra todas as ausências (BACHELARD, 1993, p.111).

Os valores dessa “casa ninho” as lembranças antigas são muito caras a Pessoa, provocando uma explosão de sensações que transmutam o presente em passado vivido ou sonhado. Bachelard nos afirma que “se a casa é um valor vivo, é preciso que ela integre uma irrealidade. É preciso que todos os valores tremam. Um valor que não

treme é um valor morto” (1993, p.73).No início do poema já se verifica o quanto esse valor “treme” para Pessoa:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

Pessoa recorre a imagens da sua “casa antiga”,a da primeira infância do poeta, até os sete anos, repartindo-se basicamente entre o quarto andar do Largo de S. Carlos e o terceiro andar da Rua de S. Marçal, em Lisboa e é sempre esta “casa antiga” da primeira infância que é mencionada nas suas evocações poéticas, sendo a única capaz de possuir carinhos e felicidade. Contudo, poderíamos nos perguntar por que não seria a casa da segunda infância, após os seis anos, sendo que a partir dessa “casa antiga” , segundo os seus biógrafos, Pessoa habitou outras 22 casas diferentes?

O fato é que o segundo período da infância é aquele que se seguiu à morte do pai, o súbito empobrecimento da família, o agravamento da loucura da avó, a mudança para outra casa mais pobre e mal situada, a venda do recheio da antiga casa, a morte do irmãozinho Jorge, o segundo casamento da mãe e a partida de Lisboa para África do Sul, entre outros episódios. Assim, com todos esses fatores, é pouco plausível que Pessoa tenha guardado deste tempo tão viva saudade.

Portanto, o tempo saudoso para ele é aquele que permanece constantemente imortal o pai, a mãe, as tias, as criadas, os primos, todos os amigos, os serões de música e festa e, sobretudo, a sua infância integral. Também é nesse tempo que são eternos os espaços, as casas que habitou, as paisagens e os objetos.

Por isso, quando o poeta pensa na “casa antiga”, sua imaginação exige que ele viva diretamente essas imagens, os objetos que decoram o espaço e, no decorrer do poema, um sucessão de imagens memoriais possuem valor verdadeiramente significativo e íntimo. Ecléa Bosi refere-se do seguinte modo quanto à importância dos objetos:

A casa onde se desenvolve uma criança é povoada de coisas também preciosas, que não têm preço. Nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que; se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele(BOSI, p. 41 *apud* GONÇALVES, 2003, p.112).

É possível contemplar esse apreço pelo universo da casa quando objetos simples são retratados em uma descrição minuciosa:“(…) A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na louça, com mais copos,/ O aparador com muitas coisas — doces, frutas o resto na sombra debaixo do alçado —, (…).”Ao retratar a mesa, Pessoa traz toda a simbologia existente. As pessoas mais queridas da família

aos amigos unem-se ao redor da mesa para compartilhar momentos de alegria, neste caso, o “Aniversário”. Dessa maneira, a mesa é um dos símbolos de união e comunhão familiar. Vejamos o que Bosi diz:

(...) A mesa da casa possui um lado onde é bom comer, o lado vasto onde senta-se mamãe e é agradável estar; no lado de lá, o retrato do tio avô que me olha fixo, às vezes feroz, torna o lado nefasto onde eu recuso comida e choramingo. Tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos, que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver. Para a criança que ainda não se relacionou com o mundo mais amplo, a mudança pode ter um caráter de ruptura e abandono(...)(BOSI, *apud* GONÇALVES, 2003, p.111).

É possível notar a representação que a mesa da família possui. Ela fica no centro da casa e em sua volta a família conversa, resolve problemas e também compartilha momentos de felicidade. É sobre a mesa que se coloca o resultado do trabalho mútuo, o alimento representa aquilo que todos conquistaram e agora, reunidos ao redor da mesa, irão compartilhar. Por consequência a mesa é e sempre será um objeto considerado “sagrado”.

Outro objeto descrito por Pessoa é o velho “aparador com muitas coisas”, ou seja, o velho armário com suas prateleiras plenas do que há de mais prodigioso. Esse objeto é um espaço que não se abre para qualquer um, é um espaço de intimidade exclusiva, como coloca Bachelard:

No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. A ordem não é simplesmente geométrica. A ordem recorda nele a história da família (BACHELARD, 1993, p.92).

Na verdade, o armário é o centro de fixação das lembranças, se voltarmos à terra da vida tranquila. “O armário está cheio do tumulto mudo das lembranças”. (MILÓSZ, p.217 *apud* BACHELARD, 1993, p.92). Quando se trata do armário repleto de muitas coisas têm-se um dos mais antigos símbolos de riqueza, abundância e prosperidade. “O aparador com muitas coisas – doces, frutas o resto na sombra debaixo do alçado -”. Os doces são um forte símbolo de energia, suas cores coloridas representam a vitalidade. As frutas e ainda “o resto na sombra debaixo do alçado” manifestam a fartura existente. As frutas são

Símbolo de abundância, que transborda da cornucópia da deusa da fecundidade ou das taças nos banquetes dos deuses. Em razão dos grãos que contém, Guénon comparou o fruto ao ovo do mundo do símbolo das origens (CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 2007, p. 453).

Neste cenário não se pode esquecer o valor atribuído à presença da família. “As tias velhas, os primos” estavam ali porque o amavam e queriam estar junto dele em um momento de tamanha felicidade como a data do “Aniversário”, dando-lhe afeto e alegria. “e tudo era por minha sua causa, (...)”.

Nessas imagens é possível observar um contraste entre os objetos que Pessoa traz da infância e aquilo que ele coloca no presente. Outrora, repleto de vida e com cores radiantes, Pessoa atribui ao presente aquilo que representa a falta de vida. “O que sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa, /Pondo gelado nas paredes...”. O presente para ele não tem valor, tem aspecto doente e cores opacas. O hoje não é nada, é apenas um bolor num canto da casa, a deteriorização, a falta de vida.

Por meio de uma simbologia detalhada, Pessoa relembra o cenário da infância, chora a carência de amor e lamenta a solidão em que vive agora. Sente-se com raiva por “não ter trazido o passado roubado na algibeira!...”, o único tempo feliz. Pessoa não se cansa de exprimir inúmeras vezes: “O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...”.

Já no poema “Dobrada à Moda do Porto” a imagem que Pessoa pinta do cenário da infância é um jardim:

(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve
um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje).

O jardim pode ser considerado um espaço privilegiado pelas crianças, pela liberdade e beleza que eles proporcionam. O jardim, normalmente é o primeiro espaço que a criança ocupa a não ser a casa, nele a liberdade é maior, o espaço é livre para as crianças inventar suas brincadeiras e elas criam um mundo de fantasias ali. No jardim é só alegria, a brincadeira toma conta não deixando espaço para a tristeza. “O jardim é um símbolo do Paraíso terrestre, do Cosmo de que ele é o centro, do Paraíso celeste, de que é a representação, dos estados espirituais, que correspondem às vivências paradisíacas” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2007, p. 512).

Desse modo, a infância sempre tem um jardim -não importando quem seja o dono, é onde vivemos momentos prodigiosos e repletos de alegria. Em contraste, o presente, onde não há *aquela* casa nem *aquela* jardim, “a tristeza é de hoje”.

Em “Lisbon Revisited” (1923) Pessoa também busca a infância como único momento de verdade que lhe conforta, quando expressa:

Ó céu azul o mesmo da minha infância,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!

Lembrando-se do mesmo céu azul da infância refletindo no rio “Tejo” que ainda está igual percebe-se a importância que estes têm para Pessoa. Em Chevalier a figura do céu é representada como sendo:

O absoluto das aspirações do homem, como a plenitude da sua busca, como o lugar possível de uma perfeição do seu espírito, como se o céu fosse o espírito do mundo... Compreende-se que o raio - rasgadura brilhante do céu - seja apropriado para simbolizar essa abertura do espírito que é a tomada de consciência(VIRI, p.108, *apud* CHEVALIER, GHEERBRANT,2007, p. 230).

O céu “azul” sempre intacto, igual ao da infância, acima todas as coisas, onde abaixo tudo passa, é uma verdade que se reflete no rio Tejo, porém igualmente um elemento fiel e antiquíssimo. É nesse momento, quando observa o céu e o Tejo, os mesmos da sua infância, que o poeta toma consciência de que ele não é mais o mesmo, O “Tejo”, localizado no mesmo lugar, está alheio a tudo, às ciências, à civilização moderna, àquilo que está se passando. Ele é um ponto de verdade onde a cidade pode se espelhar. Assim, segundo (CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 2007, p. 780), a sua representação é: “O simbolismo do rio e do fluir das suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas (F.Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte”.

Portanto, o céu e a pureza do rio são os únicos que estão iguais ao passado, uma vez que no presente Pessoa não consegue se reconhecer. Por isso, ao serem elementos que pertencem ao passado, são repletos de verdade e vida, “Ó *mágoa* revisitada, Lisboa de outrora de hoje!/ Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.” Agora, o único sentimento que Lisboa lhe causa é a *mágoa*, a tristeza, o desgosto de não mais ser a mesma..

Conclusão

Entendemos que as imagens nos poemas pessoanos representam um despreendimento do tempo presente para reviver uma realidade irreal, porque idealizada. De acordo com Bachelard:

As imagens têm sempre uma história e uma pré-história, elas sempre são lembranças e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca coisas particulares (BACHELARD, 1993, p.50).

Ao pensar naquilo que pertence ao passado, nossa imaginação fabrica uma imagem, já que aquilo que se usufruía não se tem mais, agora sobrando apenas lembranças. Em vista disto, o real é idealizado, pois as imagens mentais são fabricadas tornando-se “falsas imagens” ou “metáforas”. A infância de Pessoa volta sempre em sua

poesia, com imagens coloridas, com música, dolorosamente lembrada: “Uma ternura confusa, como vidro embaciado, azulada,/Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida” (PESSOA, 1990, p. 329).

Dessa forma, Pessoa constrói uma imagem da infância que estabelece uma ligação cooperativa entre o real e o irreal. Assim, a representação criada assume a conotação de tempo maravilhoso, de vida perfeita e absoluta, uma verdadeira metáfora do paraíso, onde o real é substituído pelo ideal.

Afinal, nem tudo era perfeito e único; no entanto, a imagem criada no imaginário de Pessoa alcança essa perfeição, por nada daquilo agora existir. Assim aquele momento nada mais é que uma imagem mental. “A memória distante não se lembra das imagens senão dando-lhes um valor, uma auréola de felicidade” (BACHELARD, 1993, p.72).

Na infância de todos também os problemas existem. No entanto, não éramos tão preocupados e dramáticos, deixávamos a vida passar e cada instante era uma novidade para nós. Conforme Bosi afirma:

(...) Se examinarmos criticamente a meninice podemos encontrar nela aspirações truncadas, injustas, prepotência, a hostilidade habitual contra os fracos. Poucos de nós puderam ver florescer seus talentos, cumprir sua vocação mais verdadeira. Comparamos acaso nossos ideais antigos com os presentes? Examinamos as raízes desse desengano progressivo das relações sociais?
A criança sofre, o adolescente sofre. De onde nos vêm, então, a saudade e a ternura pelos anos juvenis? Talvez porque nossa fraqueza fosse uma força latente e em nós houvesse o germe de uma plenitude a se realizar. Não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo (BOSI, *apud* GONÇALVES, 2003, p.92).

Assim, essa saudade da infância de Pessoa pode ser justificada porque ele a reconhece como possibilidade do bem, da unidade, da inconsciência e da verdade. E o desgosto que o poeta possui por tudo que é presente e imediato, o profundo “desencanto do presente” também auxilia na lembrança do passado saudoso, uma vez que prefere o “não-aqui e não-agora”. Por consequência, a saudade idealiza a distância – passado, para compensar o desencanto do presente.

Pessoa sempre terá a lembrança da infância como felicidade possuída e o desejo de reconstruí-la. Segundo Gaspar Simões, Pessoa é “Um ser sem futuro, para todo e sempre saudoso do passado” (ANTUNES, 1983, p. 216).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, A. *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações Faculdade de Filosofia, 1983.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 21ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 2007.

GOMES, N. *O sonho e a máscara. Antero de Quental e Fernando Pessoa*. São Paulo: Ed. Scortecci, 2005.

GONÇALVES F.º. "Olhar e memória". In: *O olhar*. Org. Adauto Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LOURENÇO, E. *Pessoa Revisitado*. Lisboa: Gradiva. 2003.

LUCAS, F. *Fontes Literárias Portuguesas*. Campinas - SP: Pontes, 1991.

MARTINS, F. *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010.

MOISÉS, C. *Roteiro de Leitura: Poemas de Álvaro de Campos de Fernando Pessoa*. São Paulo: Ática, 1998.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1990.

Enviado em janeiro de 2012.
Aceito em maio de 2012.